



CARPE DIEM — APROVEITE O DIA. ESSE É O LEMA DA **THE HOP**, PLATAFORMA QUE OFERECE DIVERSAS EXPERIÊNCIAS CULTURAIS.

Fundada por **Andrea Rozenberg** e **Raíssa Teles**, graduadas pela FGV, a empresa tem como objetivo valorizar o talento das pessoas, fazê-las sair da rotina, promover diferentes atividades e aumentar a rede de amigos dos participantes. Quer compartilhar sua paixão e viver novas experiências? Então conheça a The Hop!

| POR ALINE LILIAN DOS SANTOS

GV-executivo: Como tiveram a ideia de investir em um negócio voltado para a área de experiências culturais?

Andrea: Fundamos a The Hop pelo nosso gosto em comum.

Raíssa: Estudávamos na mesma sala na FGV e começamos a desabafar sobre o quanto estávamos insatisfeitas com nossos estágios. Foi aí que percebemos várias características que se complementavam perfeitamente.

Andrea: Eu sempre tive muita vontade de trabalhar com turismo e cultura. Então, a Raíssa me disse que tinha uma ideia legal de negócio nessa área e estava procurando alguém para ajudá-la. Ela me mostrou o projeto e nos tornamos sócias em meia hora.

Raíssa: Eu já trabalhava na área cultural social e era o que queria seguir. Em uma semana pedimos demissão de nossos empregos e começamos a tocar o negócio.

GV-executivo: Qual é a proposta da The Hop e como as pessoas podem participar?

Andrea: É uma plataforma que oferece experiências culturais, por meio da qual é possível comprar e vender diferentes atividades, que são organizadas por pessoas que querem compartilhar seu talento ou paixão com os demais. Por exemplo: você cozinha bem e gostaria de ensinar aos outros. Então, você pode organizar uma espécie de aula interativa e vendê-la no site.

O que é isso na prática? É uma tentativa de mostrar que todos possuem uma habilidade que pode ser passada aos demais. Você não precisa ser *expert* no assunto, basta ter vontade. Essa é a proposta do *crowdlearning*, em que todos aprendem juntos.

Raíssa: Uma das propostas é trazer a inspiração de volta. A maioria das pessoas não sai da rotina, nem vai atrás de suas paixões ou coloca seus talentos em prática. A The Hop traz isso. A ideia é compartilhar experiências, conhecimentos, conhecer pessoas novas e ter dias melhores. É muito gratificante quando os participantes vêm nos agradecer: “Tive uma tarde deliciosa, obrigado!”.

GV-executivo: Quais atividades geralmente são promovidas?

Raíssa: Muitas! Gastronomia, em geral, faz muito sucesso. Em uma das atividades, um *sushiman* ensinou a fazer *temaki*; os participantes foram ao mercadão e aprenderam a comprar o peixe e a alga. Astrologia, pois é um tema curioso e as pessoas se interessam. Também já tivemos *light painting* (grafite com a luz), arte, fotografia, ioga, um dia de *barman* — que ensinou as pessoas a fazerem *drinks* —, entre muitas outras experiências legais.

GV-executivo: As ideias que envolvem ações coletivas (*crowdlearning*, *crowdfunding*, *compras coletivas*) têm gerado muitas oportunidades de negócio. Vocês se inspiraram nessa tendência?

Andrea: Vimos muitos empreendimentos baseados no *crowd* se concretizarem, mas a proposta veio da nossa vontade de proporcionar interação e novas experiências às pessoas. No começo, buscamos amigos próximos para realizarem as primeiras experiências e foi aí que descobrimos como eles eram mais interessantes do que imaginávamos.

Raíssa: O diferencial da The Hop é a valorização do talento do

indivíduo — que compartilhará a sua paixão (e receberá por isso, pois pode cobrar um valor das pessoas para promover a sua atividade) — e dos participantes, que terão a chance de aprender algo diferente, interagir e criar uma nova rede de amigos.

GV-executivo: Porque The Hop? De onde surgiu a ideia de nome para a empresa?

Andrea: *Hop* significa pular, em inglês. Queríamos um nome simples, curto e fácil de lembrar. A ideia de *Hop* é ir de um lugar a outro rapidamente, “em um pulo”, para conhecer coisas novas e ter diferentes experiências. Priorizamos a diversidade, pois as atividades geralmente duram um dia e as pessoas conhecem um pouco de cada coisa.

GV-executivo: Vocês possuem outro emprego além da The Hop. A empresa foi criada com o intuito de ser um empreendimento alternativo ou a principal atividade de suas vidas?

Andrea: No começo, dizíamos: “Essa é a história da nossa vida, vamos largar tudo!”.

Raíssa: E realmente fizemos isso. Saímos do estágio e ficamos *full time* com a The Hop.

Andrea: Gostamos muito do resultado, porque todos nos apoiavam, mas como toda boa *startup*, você passa fome, não tem jeito.

Decidimos que era a hora certa de investir na ideia, mas chegou um momento em que falamos: “Precisamos de dinheiro para viver”. Começamos a nos envolver em atividades paralelas: entrei para um programa de *trainee* e a Raíssa desenvolveu outros trabalhos. Atualmente, mantemos o negócio juntas, porque é nosso filho, nossa paixão,



A The Hop promove várias atividades. Na imagem: artesanato para enfeites de Natal



Aprendendo a fazer cupcake



Um dia de fotografia

e colhemos frutos muito positivos da The Hop.

Raíssa: É algo que não queremos abandonar. Inclusive, a nossa rotina hoje é mais leve, pois não temos aquela pressão do negócio ter que dar resultado, já que não dependemos de seu retorno financeiro.

GV-executivo: Quando vocês lançaram a empresa, sabiam que dependeriam da participação das pessoas. Como foi esse retorno?

Raíssa: Contamos com a ajuda dos amigos e do boca a boca na divulgação. Mas percebemos que a qualidade das experiências fazia as pessoas voltarem.

Andrea: É interessante como muitos não fazem coisas diferentes por falta de oportunidade. Existem pessoas que vão em todas as atividades — de

Astrologia a curso de sushi. A proposta é abrir a cabeça dos participantes. O que nos une é o *carpe diem*: aproveitar a vida hoje.

GV-executivo: Foi necessário algum tipo de incentivo financeiro para abrir o negócio?

Andrea: Sim. De início, contamos com a ajuda dos nossos pais e optamos por não pegar empréstimo. Não é tão simples se envolver em uma dívida dessas.

Raíssa: Além disso, como nossos custos são basicamente o domínio e a manutenção do site — o que não é muito —, conseguimos manter bem o negócio.

GV-executivo: Quais foram as principais dificuldades para abrir o empreendimento?

Raíssa: O site foi o nosso maior gargalo. É complicado achar um bom programador, que cobre um preço acessível, seja dedicado e cumpra os prazos. Isso nos estressou muito, mas hoje está tudo centralizado em nós.

Na verdade, ninguém te ensina a abrir uma empresa. Você tem que dar a cara para bater. Muitas pessoas nos deram conselhos valiosos e nos inspiraram com suas experiências. Isso fez toda a diferença.

GV-executivo: O que a The Hop trouxe de aprendizado para vocês? Quais dicas podem dar aos jovens que querem investir no próprio negócio?

Raíssa: O que aprendi é que vale a pena seguir um sonho e fazer aquilo o que realmente acredito, porque só assim terei o resultado que espero.



Ioga no parque



Arte com nanquim



Bike na cachoeira

A The Hop me mostrou o caminho da felicidade e da plenitude.

Andrea: Conseguimos fazer o que amamos e também temos uma segurança financeira. Sou extremamente feliz por ter o meu próprio negócio.

Com relação às dicas, eu falaria para as pessoas se prepararem mais. Atualmente, existe esse mito de: “Vamos largar tudo e empreender. Seremos bilionários!”. Não vai. Comece com algo pequeno. Leia, converse, estude e batalhe. Trabalho em uma empresa de consultoria e sempre aprendo algo legal que posso aplicar. Isso é ótimo!

Raíssa: Somos a favor de colocar o que você acredita em prática. Planejar-se, informar-se, fazer contatos e *brainstorming* é extremamente importante. Empreendedor não pode

ser preguiçoso; estude o segmento, o seu mercado e vá atrás do novo.

GV-executivo: Qual foi o *feedback* dos colegas e professores quanto à The Hop? Eles contribuíram para o negócio?

Andrea: Toda vez que aparecia uma oportunidade, nós apresentávamos a The Hop, em trabalhos de marketing, estudo de caso. Uma vez, apresentei o negócio em uma sala e as pessoas deram várias opiniões. Alguns professores nos ajudaram com ideias também.

GV-executivo: No que a FGV contribuiu para a criação e crescimento da empresa?

Andrea: O que mais me ajudou foram as palestras. A GV nos colocou em contato com pessoas muito boas,

como o presidente do Peixe Urbano e o Gustavo Cerbasi, consultor financeiro.

Raíssa: Acredito que fiz as melhores matérias eletivas — com ênfase em psicologia e sustentabilidade —, pois mudou o meu jeito de pensar. A Empresa Júnior Pública, os amigos e professores também me inspiraram muito. Sou feliz, pois tenho base para fazer o que eu quiser.

Andrea: Trabalho na PwC (PricewaterhouseCoopers) e percebo como a GV ensina bem e te dá base para enfrentar qualquer desafio. ●

Para promover uma experiência ou participar das atividades da The Hop é só acessar: www.thehop.com.br.

ALINE LILIAN DOS SANTOS > Jornalista da *GV-executivo* >
aline.lilian@fgv.br